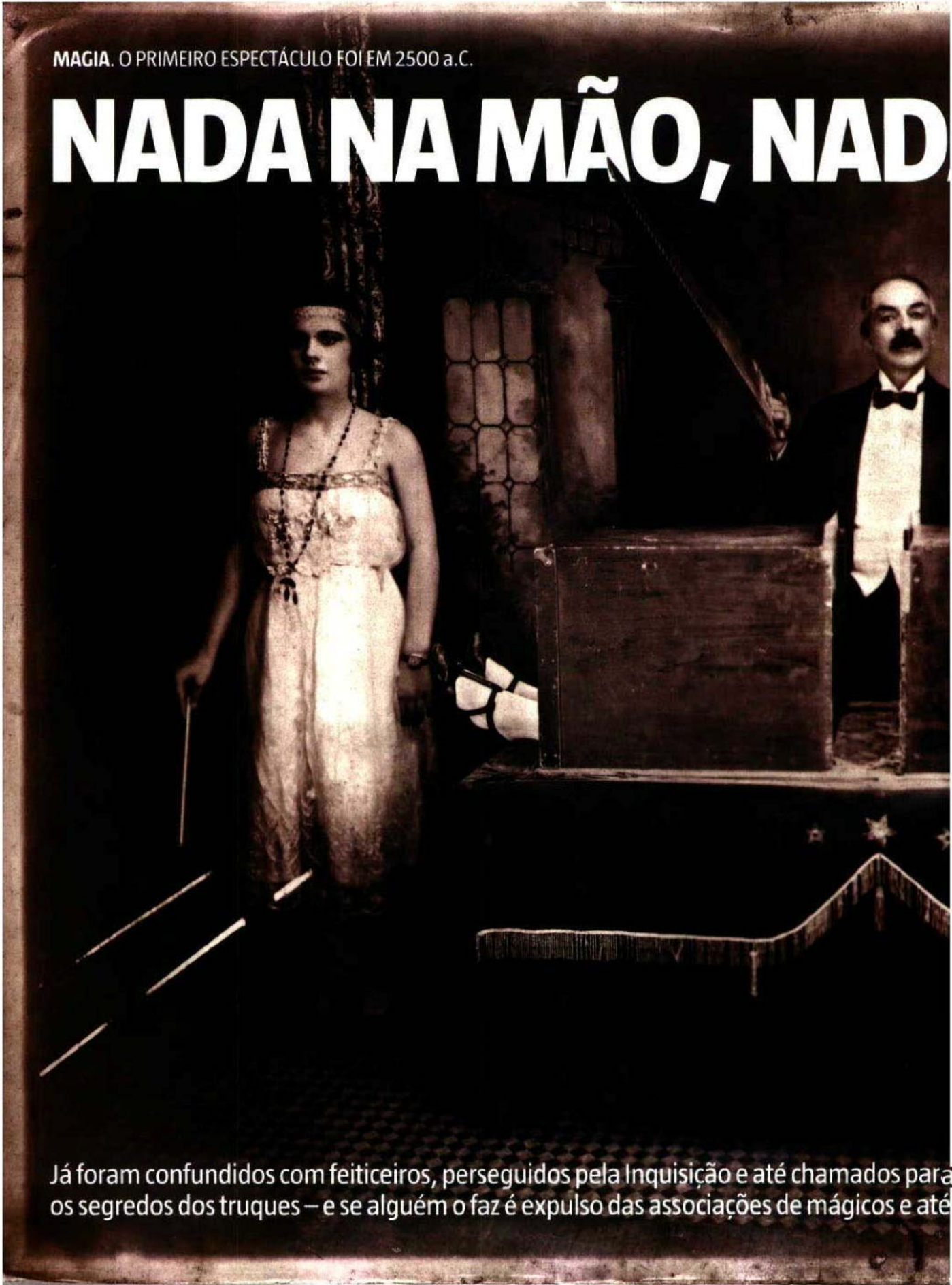
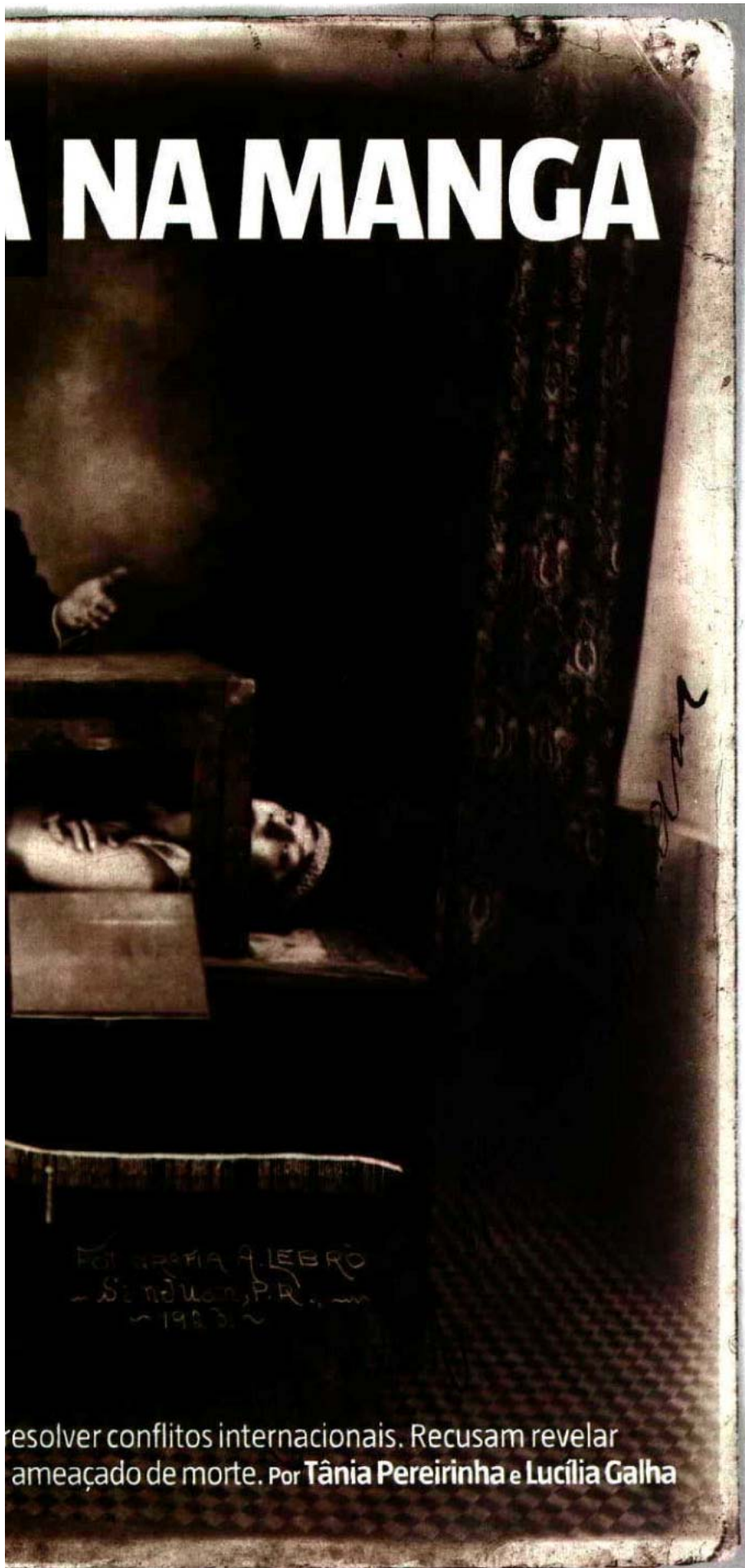


MAGIA. O PRIMEIRO ESPECTÁCULO FOI EM 2500 a.C.

NADA NA MÃO, NADA



Já foram confundidos com feiticeiros, perseguidos pela Inquisição e até chamados para revelar os segredos dos truques – e se alguém o faz é expulso das associações de mágicos e até



O primeiro a cortar uma mulher ao meio foi Selbit, em 1921. Nesta foto, o Professor Herman repete o truque

Ano 1856. A guerra durava há mais de duas décadas e os independentistas argelinos não davam sinais de rendição, bem pelo contrário: não só não se vergavam perante a força da temida Legião Francesa, como se revoltavam cada vez mais, encorajados por falsos milagres dos líderes religiosos muçulmanos. Em desespero, Napoleão III mudou de tática. Em vez de mais mercenários, enviou para Kabila, a região onde se concentravam os revoltosos, um ex-relojoeiro de 40 anos, conhecido do Papa Pio IX e habituado a esgotar os 200 lugares do Palais Royal, em Paris, com os seus espectáculos de magia.

Num palco improvisado, Robert Houdin, hoje conhecido como o pai da magia moderna, propôs-se defrontar, em duelo, o *mullah* da zona. Juntaram costas, deram 15 passos e o árabe disparou o primeiro tiro. O francês só se mexeu para abrir a boca e mostrar a bala que tinha parado com os dentes. Depois apontou a arma a uma casa, premiu o gatilho e aterrorizou a audiência com o sangue que começou a escorrer na parede branca.

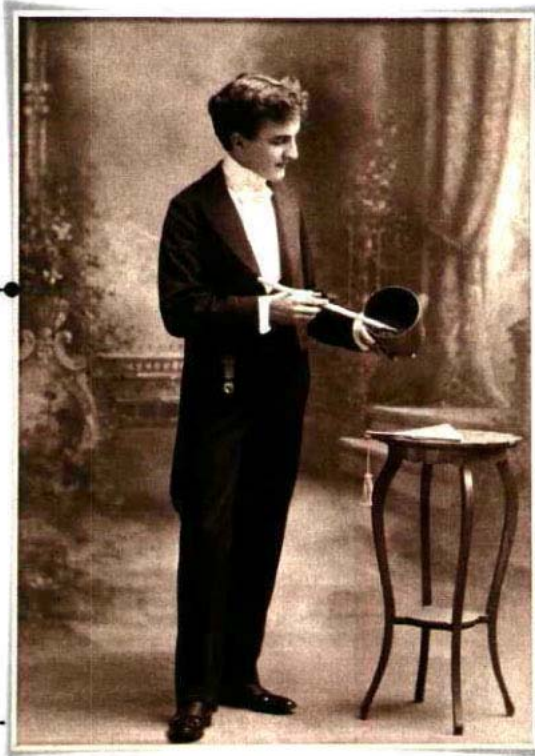
A seguir, chamou ao palco um dos árabes mais encorpados do público. Levantou uma caixa vazia do estrado e desafiou-o a fazer o mesmo. Quando viram que o homem não conseguia (um dos assistentes de Houdin tinha entretanto activado um íman para prender a caixa ao palco), os berberes renderam-se ao mago francês, mui- ▶

resolver conflitos internacionais. Recusam revelar ameaçado de morte. Por Tânia Pereirinha e Lucília Galha

1

FLORES INSTANTÂNEAS

O truque foi feito pela primeira vez em 1867, mas **melhorado anos depois** por Karl Germain



2

TOALHA. O mágico tem a mesa (igual à da foto) com um pano que só deixa ver os pés. Ao lado **há outra mesa** também coberta



► to mais poderoso que os seus. A palavra – e o medo – passou e a calma voltou à região.

No fim do século XIX a magia vivia a sua época dourada. Os ilusionistas trocaram os trajes estrelados à Merlin por casaca preta e cartola, e as classes mais altas, que finalmente viam nos mágicos alguém com quem se podiam identificar, começaram finalmente a ir aos teatros. Para trás ficavam milénios em que a magia era feita na rua, em feiras ou mercados. Sim, milénios: além de haver referências à magia na Bíblia, vários textos comprovam que ela já era praticada na pré-história.

NA MESMA ALTURA em que descobriram o fogo, os homens das cavernas encontraram uma substância amarelada. Lançada sobre as chamas produzia labaredas enormes. “Hoje sabe-se que era enxofre. Mas naquele tempo quem dominava o truque distinguia-se dos seus pares”, conta à SÁBADO o português Luís de Matos, Mágico da Década (eleito este ano pela International Magicians Society), que a partir de Janeiro de 2011 vai ter um programa na BBC.

O primeiro mágico de que há registo viveu no Antigo Egipto, em 2500 a.C. Chamava-se Djedi e, além de exímio no truque dos copos e das bolas (o mais antigo de todos os números mágicos), era também conhecido por ressuscitar animais decapitados, habilidade que chegou a mostrar na

corde do faraó Khufu – exibiu um pato vivo, cortou-lhe a cabeça, murmurou algumas palavras mágicas e voltou a unir o animal, que saiu da sala vivo, a grasnar.

O primeiro mágico de que há registo ficou famoso por ressuscitar bichos decapitados

Se Djedi não tinha concorrência, no fim do século XIX, em Londres e Paris, havia espectáculos para todos os gostos: Patri-

zio apanhava com as mãos projecteis disparados de canhões; Signora Girardelli, a Mulher Incombustível, não se queimava quando lhe deitavam azeite a ferver nas

mãos em concha; Servais Le Roy cortava cabeças; Karl Germain fazia crescer plantas instantaneamente; Keller autodecapitava-se; e Cardini fazia aparecer, por entre os dedos, cigarros, bolas e cartas. Todos às claras e sem

medo de serem tidos por bruxos e condenados à fogueira – no fim do século XVIII a magia já não era confundida com feitiçaria.

O truque mais antigo do mundo

Foi feito pela primeira vez no Antigo Egipto, em 2500 a. C., e hoje ainda há quem ganhe dinheiro a fazê-lo na rua. Quer saber o segredo do Truque dos Copos e das Bolas?



Fonte SÁBADO



3

TRUQUE. Há dois vasos que **parecem só um**. O de fora não tem fundo e o de dentro tem terra. Mostra-os e pousa-os na mesa de apoio

4

ALÇAPÃO. O vaso com terra **cai para dentro da mesa**. Coloca-se o outro na mesa principal. O arbusto pousado na prateleira sobe pelo fundo falso

Até então, os truques eram entendidos como bruxedos e os mágicos como homens possuídos pelo diabo. “As pessoas atribuíam-lhes a função de proteger, propiciar boas colheitas ou fazer mal aos outros”, explica José Manuel Anes, professor de Antropologia da Religião.

Em 1584, para convencer James VI de que os mágicos não tinham poderes, o político britânico Reginald Scot escreveu *The Discovery of Witchcraft* e explicou as artimanhas por trás de alguns truques de magia. Resultado: o Rei ordenou que se queimassem todas as cópias do livro e que juntassem à fogueira o seu autor e os mágicos.

Blaise Manfre, mágico maltês famoso por beber água e regurgitar vinho, também chegou a ser preso pela Inquisição no século XVII. Só escapou à morte porque acei-

O maltês Blaise Manfre bebia água e regurgitava vinho. Foi preso pela Inquisição

tou cometer o maior pecado da profissão: revelou o segredo do truque a um cardeal francês. Qual era? Nada mais que extracto de Pau-Brasil, corante que o mágico inge-

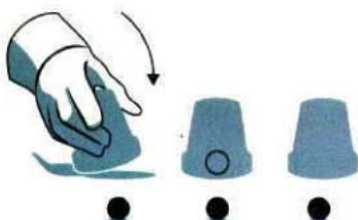
ria antes do espectáculo para tingir a água de vermelho.

Dito assim, perde a magia. É exactamente por isso que os mágicos não revelam os segredos dos truques – e, quando o fazem, recebem ameaças de morte e são expulsos de todas as associações da classe. Como aconteceu ao americano Leonard Montano, o Mágico Mascarado, autor do programa *Segredos da*

Magia (emitido em 2009 na SIC). “A magia é uma arte que utiliza princípios básicos, algumas técnicas e muita psicologia. O importante é criar uma ideia de impossibilidade nas cabeças das pessoas. Por isso é que não devemos revelar truques a leigos. Os mágicos compreendem as subtilezas por trás de um número, os leigos vão sempre dizer ‘oh, mas é só isso?’”, diz Mário Daniel, cara do programa *Minutos Mágicos*, cuja primeira série terminou recentemente na SIC.

O MAGO BRITÂNICO David Devant, que chegou a actuar para o Rei Jorge V e que uma vez foi obrigado a tirar moedas do cabelo de um louco em fuga de um manicómio, não revelou segredos. Mas, em 1931, na sua autobiografia, limitou todos os milhares de truques possíveis a sete: fazer desaparecer algo (coisa ou pessoa); transformar um objecto noutra; desaparecer e rea-

4



Disponha os copos por trás das bolas. O que tem a bola escondida vai para o centro. Bata nos três copos com uma varinha ou um lápis, para mostrar que estão vazios

5

Coloque a bola do meio em cima do respectivo copo. Depois empilhe os outros por cima. Bata com a varinha mágica e levante a pilha: a bola passou através do copo



Filipe Raminhos SÁBADO

SOCIEDADE

► parecer noutra sítio; destruir-se para depois surgir incólume; ser esfaqueado sem sangrar; flutuar; prever o futuro e/ou ler a mente.

Quando em 1890 leram nas páginas do *Chicago Tribune* a descrição do Truque da Corda Indiana, mágicos de todo o mundo contorceram-se de inveja. Anunciado no jornal como a “maior ilusão do mundo”, o truque era mais ou menos assim: um mágico lança uma corda ao chão e faz com que ela se endireite. Entra em cena um assistente que sobe pela corda e desaparece. O mágico, furioso, segue-o com uma faca e esfuma-se também. Discutem, ouve-se a lâmina a rasgar o ar e membros decepados caem no chão. O mágico regressa ao solo, apanha os pedaços do assistente e guarda-os num pote. Nada na mão, nada na manga e o rapaz salta de lá, inteiro e a respirar.

Antes de ganhar dinheiro a desafiar a morte, o húngaro Houdini (à dta.) vivia na miséria. Em baixo o holandês E. Chambly



ASSIM QUE O ARTIGO foi publicado, a comunidade mágica apressou-se a dizer que já tinha visto fazer o truque em várias cidades indianas. A história foi copiada e repetida por inúmeros jornais e houve mesmo quem escrevesse que até Marco Polo, no século XIII, tinha testemunhado a magia, na Índia e na China. Quando, quatro meses depois, o *Chicago Tribune* escreveu que tudo não passara de um logro e que o truque fora inventado, muitos recusaram-se a acreditar. Durante décadas, vários ilusionistas tentaram reproduzir o Truque da Corda Indiana, que se tornou a ilusão mais famosa do mundo, sem que ninguém tenha alguma vez conseguido apresentá-lo.

Harry Houdini, que em 1890 tinha apenas 16 anos, nunca se interessou pelo truque. A sua arte era outra, o escapismo. Descobriu o filão por acaso, enquanto estava numa estação, sem dinheiro para o bilhete, à espera do comboio. Já tinha trabalha-

do como perfurador de poços, fotógrafo, contorcionista, trapezista e ferreiro (profissão que lhe permitiu aprender a arte de abrir cadeados e fechaduras), mas continuava na miséria. Tirou um par de algemas da mala de mágico – fazia truques de cartas na rua, sem grande sucesso – e ins-

Assim que chegava a uma nova cidade, Houdini fazia por ser preso na cadeia. Fugia sempre

talou-se nos carris. A intenção, conta o livro *Magic 1400-1950*, lançado este ano pela Taschen, era fazer com que o maquinista se comovesse e o levasse de borla. Não foi preciso: outro passageiro, cheio de medo que ele fosse atropelado, ofereceu-lhe o bilhete. E Houdini, que adoptou o nome em homenagem ao francês Houdin, percebeu que

desafiar a morte podia dar bom dinheiro.

Tinha razão. Deu-lhe dinheiro e fama também: os números do húngaro (naturalizado americano), capaz de se libertar de algemas, cadeados e correntes, de cabeça para baixo, dentro de caixas cheias de água ou até de tinas com leite – aguentava

vários minutos sem respirar –, fizeram manchetes em todo o mundo. Houdini passou anos em digressão pelos Estados Unidos e pela Europa e, assim que chegava a uma nova cidade, fazia-se encarcerar na pri-

são. Sempre conseguiu fugir. Só não evitou a morte, aos 52 anos: no fim de um espectáculo foi agredido (alegadamente por um fã que queria testar a sua resistência torácica) e morreu, alguns dias depois, com ferimentos no apêndice.

Black Herman não foi atacado, mas o acaso fez com que o mágico afro-america-

Cinco truques fantásticos

SÃO ILUSÕES TÃO BEM CONSEGUIDAS QUE PARECEM MESMO USAR A MAGIA

DAVID COPPERFIELD

A 8 de Abril de 1983 fez desaparecer a Estátua da Liberdade perante uma plateia sentada a 60 metros e com uma cortina à frente.



DAVID BLAINE

Esteve imerso em gelo, em Times Square (Nova Iorque) durante 63 horas, 42 minutos e 15 segundos.



HOUDINI

Em 1912, Houdini foi acorrentado e suspenso num aquário de vidro. Conseguiu aguentar a respiração na água por mais de três minutos.



LUÍS DE MATOS

O mágico português adivinhou a chave do Totoloto seis dias antes. Guardou o papel com os números numa caixa selada e só os revelou depois do sorteio. Foi em 1995.

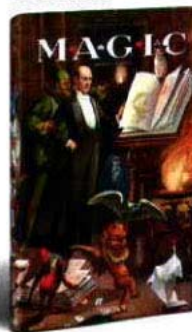
no morresse em palco. Logo ele, que baseava o espectáculo na própria morte: os espectadores pagavam bilhete para lhe tomarem o pulso, verificarem a respiração e testemunharem o seu enterro. O *show* continuava três dias depois, com o caixão a ser retirado da terra e o mágico a erguer-se em apoteose, para continuar o espectáculo.

E convencer os espectadores de que naquele fatídico dia de 1934 o mágico estava mesmo morto? Ninguém acreditou e, quando o corpo foi levado para a agência funerária, a multidão foi atrás, munida de alfinetes para espetar o mágico e certificar-se do seu estado. Como não dispersavam, o assistente do mágico cobrou bilhetes – “Era o que ele faria”, terá dito na altura Washington Reeves.

QUANDO BLACK Herman morreu, a magia também já estava em decadência, muito por causa do aparecimento do cinema. E só voltou a ter sucesso no fim da década de 1960, graças à televisão, onde se popularizaram os programas do género.

David Copperfield, o ilusionista mais megalómano de todos os tempos, surgiu neste por causa da TV. Fez desaparecer a Estátua da Liberdade, levitou sobre o Grand Canyon, libertou-se de uma camisa de forças e atravessou a Grande Muralha da China. Namorou com a supermodelo Claudia Schiffer, ganhou 20 Emmys e detém 11 recordes do *Guinness*. De acordo com a revista *Forbes* – em cujo *top 100* figurou em 2009, ano de recessão, na 80.ª posição, com 30 milhões de dólares (22,8 milhões de euros) arrecadados –, é o ilusionista mais bem-sucedido da História. ●

A Taschen recria a história da magia com o livro editado em 2010: *Magic 1400-1950*



Black Herman morreu em palco. Como o público não acreditou, o assistente cobrou bilhetes à mesma



CYRIL TAKAYAMA

O mágico japonês, que também faz *performances* de rua, ganhou fama com um truque onde simula que **ao espirrar deixa cair a cabeça** e depois a apanha.

